



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

PATRIMÔNIO IMATERIAL: OLHARES DA HISTÓRIA SOBRE A ARTE & MANHA DA CAPOEIRA

Maria Aparecida Carbonar*

1

Novas pesquisas e trabalhos acadêmicos nos permitem remontar aos primórdios de nossa história, buscando relatos de nossos antepassados africanos ou afro-brasileiros, suas angústias, suas alegrias e suas esperanças. A Educação Patrimonial nos embasa na busca desses escritos ou relatos orais, apontando caminhos que nos levem a reescrever a história de muitos dos sujeitos ocultos que não tiveram seus nomes gravados nos livros, mas que nos legaram feitos magníficos transmitidos com ginga, malícia e sabedoria, como exemplo a capoeira que, de “brincadeira proibida” se transformou em Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

“Capoeira, o que é isso?
Uma luta? Uma dança?
Ou uma brincadeira de criança?
Ou um jogo, como o xadrez?
Que cada movimento tem seu momento e sua vez.
É, parece mais com um jogo, lento, forte e malicioso.
Onde o jogador tenta confundir o oponente,
Mostrando o sorriso no canto dos lábios,
Ihe mostrando os dentes.

* Professora da Rede Pública Estadual e Municipal de Ensino. Especialista em Educação Patrimonial (UEPG) e em Educação em Valores Humanos (FIES). Email: amcarbonar@bol.com.br, mariacarbonar@seed.pr.gov.br, am_carbonar@hotmail.com.

É beleza sem igual,
Dois jogadores no meio ao som do berimbau.
Ah capoeira! Quando te vi pela primeira vez,
Eu me entreguei aos seus encantos
Quando toco berimbau, rezo, grito e canto,
Flutuo e meus pés saem do chão.
Ah capoeira! Você é minha grande paixão
És minha filosofia de vida.”
(Declaração de Amor. Mauro Barreto Dutra – Mestre Sinhozinho).

Sabemos que a preservação dos patrimônios ajuda a resguardar nossa identidade cultural, e que isso também está voltado ao nosso direito de garantir a cidadania de nosso povo.

A educação patrimonial está voltada ao despertar da consciência preservacionista valorizando os bens materiais e imateriais de toda a sociedade. Quando aplicada na escola, a educação patrimonial leva os educandos a abraçar a causa como sendo também sua, pois se trata de valorizar a sua ação enquanto continuador da história da humanidade para as gerações futuras.

A produção do saber por alunos tendo os patrimônios como objeto de estudo, pode ser uma experiência potencializadora para o currículo escolar, favorecendo uma melhor compreensão das normas sociais, usos, costumes e tradições que regem a sociedade onde esteja inserido.

Uller, Carbonar, Uller (2001: p. 26) relatam que:

Pelo fato da cultura estar muito ligada à vida em sociedade, ela reflete muito do processo social, da construção histórica, das lutas e das conquistas e derrotas. (...) Ela traduz produtos, povos, estilos e épocas, dados fundamentais para a compreensão das sociedades contemporâneas.

A cultura pode ser social (é criada, aprendida, acumulada e transmitida pelos elementos de um grupo enquanto sociedade), é seletiva (incluindo padrões comportamentais), é explícita e manifesta (através de ações e movimentos inclusos nos hábitos, práticas, aptidões) e implícita ou não manifesta (por estarem muitas vezes oculta no inconsciente das pessoas). Ela provoca mudanças, ou seja, inovações. Pode levar a uma integração através da aceitação, ou então pode eliminar, excluir.

Quando nos referimos à cultura, pensamos também em patrimônio. Somos todos responsáveis pela destruição ou preservação de nossos bens patrimoniais, porém só é capaz de entender essa diferença aquele que estiver disposto a parar para refletir, de forma consciente e se colocando como o principal agente de transformação.

Dos vários exemplos de patrimônios materiais e imateriais, fizemos da arte da capoeira e sua aplicabilidade no ambiente escolar o nosso objeto de estudo. Comandado pelo berimbau e demais instrumentos e pelas ladainhas, dois corpos gingam, expressando à malícia, o jogo, a luta, a dança, o esporte que a transformaram de “brincadeira proibida” em “patrimônio da humanidade.”.

A origem do nome “capoeira” para alguns etnólogos vem da língua tupi – guarani: caa, que significa “mato”, e puera, “o que foi”; segundo estudiosos, quando os escravizados fugiam, eles iam para o mato, daí “capoeira”. (SILVA, 2008).

Do tempo da escravidão aos dias de hoje, a capoeira é uma das grandes manifestações de nossa cultura. A falta de registros históricos e da memória oral impede a precisão de informações sobre as raízes africanas da capoeira. Desenvolvida a partir de dois estilos: Angola e Regional recebeu inovações com mestre Bimba, na Bahia, mas sem perder sua originalidade.

Os únicos documentos que retratam a participação dos capoeiras nos centros urbanos do Rio de Janeiro são boletins de ocorrência redigidos pelos escrivões das delegacias de polícia, registros e arquivos da movimentação carcerária da cidade do Rio e poucos literatos que retratam de maneira lúdica e deslumbrada toda a performance dos negros capoeiras, distorções intencionais de uma história de luta e dor” (RODRIGUES FILHO; BRAGA. 2008.52).

A origem da capoeira sempre foi controversa. A memória oral não registrava nenhuma prática ancestral igual. Muitos afirmavam (e ainda afirmam) que ela nasceu nas senzalas, outros, que foi criada nos quilombos pelos escravos fugitivos. Se levarmos em consideração o fato de que muitos negros africanos foram enviados para várias colônias americanas, perceberemos que somente no Brasil a ginga da capoeira se desenvolveu. Então ela é uma criação brasileira, com raízes africanas.

Silva (2008) retrata que:

(...) Independentemente de suas origens, a capoeira era uma forma de resistência dos afro-americanos à escravidão. Não se sabe ao certo

como a capoeira se desenvolveu no Brasil, se nas senzalas ou quilombos. Sabe-se, no entanto, que foi um instrumento de resistência a um sistema dominante e opressor, uma forma de luta pela liberdade de um povo escravizado e maltratado pelo colonizador europeu.

Dutra (1996) retrata que as origens da capoeira estão nas próprias senzalas, onde os negros se exercitavam procurando desenvolver uma forma de luta como defesa, que lhes permitisse derrubar o feitor e fugir. A maioria dos golpes de capoeira foi baseada nas defesas e ataques dos animais: a cabeçada do touro, o coice do cavalo, a fígada do rabo de arraia, o salto do macaco, o pulo do gato, o voo do morcego. Ou então na observação dos seus instrumentos de trabalho, cuja ação procurava imitar, usando o corpo: o martelo batendo, a foice roçando o mato, uma chapa batendo, uma ponteira e outras.

As palavras de Dutra (ou Mestre Sinhozinho) podem ser embasada na leitura de Figueiredo (2009), o qual esclarece que:

(...) O n'golo acabou por se transformar num mito de origem, numa tradição ancestral. No entanto, trata-se de um mito no mínimo questionável. Para começar, não foi transmitido pelos mestres africanos aos seus alunos brasileiros via tradição oral. (...) como pode uma manifestação documentada apenas no século XX ser a “origem” de uma capoeira que existe pelo menos desde o início do século XIX?.

4

Sendo assim, o presente estudo tem o objetivo de discutir, preservar e socializar a tradição da capoeira visando às questões de identidade do capoeirista e da diversidade presente na capoeira, afirmando-a como manifestação de matriz afro-brasileira.

Ao realizarmos ações que levem o mestre de capoeira para dentro das escolas para relatar seus saberes e práticas, estaremos valorizando a oralidade como meio de transmissão desse saber adquirido. A escola se torna um ponto ou centro de cultura e de arte reunindo jovens, crianças, adultos, idosos, homens, mulheres, alunos e profissionais escolares.

A capoeira pode ser entendida como atividade física e ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social, além de um recurso cultural lúdico pedagógico para nossas crianças e jovens. Desvendar seus mistérios e sua magia é a nossa meta.

Descortinar os olhos para as críticas de leigos e levá-los a entender a malícia, a luta, a ginga também o é.

Vista por muitos anos e por muitas pessoas como algo ruim, sem fundamento, a capoeira caiu no gosto e na apreciação de vários setores da sociedade. O que antes era apenas jogo de escravos para passar o tempo e treinar sem que o patrão desconfiasse, hoje roda o mundo com apresentações e ensinamentos.

Que sejamos nós, através do espaço escolar a levar a capoeira para nossos alunos para que eles aprendam a diversidade da cultura africana, a riqueza de seus mestres com seus saberes adquiridos, a apreciar uma boa “roda de capoeira”, a entoar os cânticos e ladainhas, a valorizar a nossa cultura.

Mauro Barreto Dutra, o Mestre Sinhozinho, do grupo Arte & Manha em Joinville, afirma que a capoeira é “educar por meio da arte, da disciplina e organização. É uma filosofia de vida, um amargo na boca, o imprevisível. É uma preparação para a vida cotidiana. É saber que, apesar da rasteira, a vida segue e a roda continua.”.

Já para Marcelo Barros, o instrutor Careca, do grupo Ilê de Bamba, em Ponta Grossa, a capoeira é “uma alternativa encontrada para tirar os jovens e crianças dos riscos das drogas, da prostituição, do lado errado da vida.”.

Para Mestre Valdeci, do grupo USBRAC, também em Ponta Grossa, “ser capoeira é mais que lutar ou dançar. A capoeira é tudo de bom que tenho, é uma história simples, sofrida, gostosa de viver, é como amor de mãe, nunca se acaba”.

Tanto Mestre Sinhozinho como Marcelo Barros e Mestre Valdeci desenvolvem projetos com o objetivo de formar integralmente cidadãos a partir da arte e manha da capoeira.

Exemplos que justificam a aplicabilidade da capoeira como formação de jovens são muitos. No caso da Arte & Manha podemos citar a história de Joel Padilha, Curió e Zico, os quais de aprendizes se transformaram em exemplos de caráter e ensinamentos para outros jovens, podemos citar ainda o caso de Gilberto Silva, aluno do Mestre Sinhozinho e que hoje desenvolve projetos com várias crianças e jovens (entidades e APAE) na cidade de Dois Vizinhos, no Paraná, demonstrando que não existem

obstáculos que não possam ser vencidos quando o respeito a si próprio e ao outro é estimulado.

Em Ponta Grossa, no Paraná, o instrutor Careca trabalha com crianças e jovens da periferia, desenvolvendo projetos similares ao de Joinville, expandindo-a para letras e ladainhas gospel. Na comunidade Ouro Verde, fizeram um mutirão para erguer as paredes do barracão, transformando um antigo sonho em realidade, tirando várias crianças e jovens da rua dando um horizonte, uma visão melhor da vida. Atualmente cerca de 80 crianças participam do projeto.

Também em Ponta Grossa, Mestre Valdeci e Xibio trabalham com crianças e jovens na região da Palmeirinha, no ginásio de esportes e no salão do Colégio Dr. Epaminondas Novaes Ribas, (no projeto “Mais Educação”, cujo objetivo é aumentar a permanência dos educandos no colégio, oferecendo atividades extras no contra-turno e, a capoeira, é uma delas), enfatizando que seus atos refletem em seus discípulos, que a sabedoria, o respeito e a certeza de seus ensinamentos serão bem frutificados.

Reprimida violentamente no Brasil Império e Brasil República (como na promulgação da Lei n. 437, de 11 de outubro de 1890, de autoria de Sampaio Ferraz), a capoeira se transforma em manifestação folclórica em 1937, no governo de Getúlio Vargas e em desporto, em 1972, com o ministro Marcos Maciel. Hoje, a capoeira é considerada como Patrimônio da Humanidade.

Encontramos em Mattos (2006, p.78-80), referências sobre a chamada “Guarda Negra” - um grupo que surgiu no Rio de Janeiro em 1888 e era formado por ex-escravos e que apoiavam a princesa Isabel. A Guarda Negra significava para os capoeiras, uma forma de fazer política. Entretanto, essa atuação política fez com que o regime seguinte, a República, a inserisse como crime no Código Penal.

Com a instituição do regime republicano, a repressão à capoeira foi intensificada, surgindo um artigo no Código Penal de 1890, intitulado “Dos vadios e capoeiras” registrando:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas e instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando algum mal: Pena – de prisão celular de dois a seis meses (BRASIL, 1890).

Art. 403. No caso de reincidência, será aplicada ao capoeira, no grão maximo a pena do Art 400.

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará reincidência, o infractor será recolhido por um a tres annos, a colonias penaes que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Parapho único: Si o infractor for estrangeiro será deportado (Brasil, 1890).

A repressão à capoeira no Rio de Janeiro contou com a atuação de Sampaio Ferraz, o “cavanhaque de aço”, então chefe de polícia carioca.

As denominações – Regional e Angola – podem ser encontradas em Pires (2002, p. 45 e 64) retratando os relatos de Bimba e Pastinha. Mestre Bimba nomeou sua capoeira de Regional, pois, segundo ele, ela só poderia ser encontrada na Bahia. Já a capoeira Angola, segundo Mestre Pastinha, seria uma forma de luta praticada na África e que teria adquirido aspectos lúdicos no Brasil, por isso esse estilo se chamava Angola, pois se remetia ao continente africano.

Atualmente se fala num terceiro estilo de capoeira: a Capoeira Contemporânea, que, segundo Santos (2010), ela engloba os outros dois estilos. O estilo mais antigo, o de Angola, remonta a época da escravidão sendo suas principais características o ritmo musical lento, golpes jogados mais ao solo e muita malícia. A Regional caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira de angola com o jogo mais rápido de movimentos ao som do berimbau. Os golpes são rápidos e secos, sendo que as acrobacias não são utilizadas.

Fundada por Mestre Bimba, a Capoeira Regional tem como um dos fundamentos manter no mínimo uma base do solo (um dos pés ou uma das mãos). O forte desse estilo são as cabeçadas, as quedas e as rasteiras. Já a Capoeira Contemporânea, une um pouco dos dois estilos e é o mais praticado pelo grupo Ilê de Bamba.

Os instrumentos utilizados na capoeira segundo Santos (2010) são:

-o Atabaque (de origem árabe, geralmente feito em madeira de lei como o Jacarandá mogno ou cedro, o qual marca o ritmo das batidas do jogo). É o atabaque que acompanha o solo do berimbau; o Pandeiro, instrumento de percussão de origem

indiana, introduzido no Brasil pelos portugueses que o usavam para acompanhar as procissões. É o som cadenciado do pandeiro que acompanha o som do caxixi e do berimbau; o Caxixi, instrumento em forma de uma pequena cesta de vime com alça a qual serve como chocalho pelo tocador de berimbau para marcar o ritmo; Reco-Reco, instrumento de percussão usado nas rodas de capoeira angola e no samba de roda; Agogô, de origem africana que também faz parte da bateria da roda de capoeira de angola; Berimbau, palavra usada para denominar um tipo de instrumento de pequeno arco de arame ou madeira com uma fina lâmina de aço colocada no meio. É ele quem comanda o som.

O diálogo corporal, a improvisação, a necessidade de agir, assim como o tempo, ritmo, música e compreensão da filosofia de jogo, são princípios fundamentais ensinados dentro da Capoeira de Angola, uma das modalidades mais praticadas no Brasil.

Tentando burlar a repressão dos senhores, os escravos introduziram instrumentos de música em seus treinos, disfarçando a luta em dança, para enganar tanto os feitores quanto seus senhores (DUTRA, 1996).

A ginga é o que diferencia a capoeira das outras modalidades de luta e tem como finalidade o estudo do adversário e do “jogo”. Serve para preparar e desferir os golpes de ataque, e na defesa, é responsável pelas esquivas e molejo, ajudando de forma decisiva no reflexo, justamente por estar o capoeirista em constante movimento.

Ainda segundo Dutra (1996), os movimentos ofensivos são: Benção, Martelo, Queixada, Meia Lua de Frente, Armada, Meia Lua de Compasso, Chapa, Vingativa, Tesoura e Cabeçada. Já os movimentos defensivos são: Negativa, Positiva, Cocorinha, Aú Simples, Resistência, Esquiva Lateral e Rolamento.

Quanto às variações de toques, Dutra descreve: Angola, São Bento Pequeno de Angola, São Bento Grande de Angola, São Bento Grande de Bimba ou Regional, Iúna, Idalina, Benguela, Santa Maria, Amazonas, Cavalaria (este último imitava o tropel dos cavalos da polícia no período pós abolição e era usado como aviso da chegada dos guardas).

A roda é o lugar onde a capoeira acontece de forma completa. O capoeirista canta momentos históricos da capoeira, faz desafios, fala da alegria, fala da tristeza, lamenta a escravidão, etc.

Mestre Canjiquinha dizia que “A capoeira não tem credo, não tem cor, não tem bandeira, ela é do povo, vai correr o mundo”. Seja através das músicas, da ginga, dos fundamentos, que ela possa levar a todos um pouco da cultura afro-brasileira, um pouco de cada um de seus mestres e seguidores.

Silva (2008, p.13) considera a capoeira um tesouro cultural do Brasil. Ele acredita que a arte nasceu no Brasil e que possui uma origem afro-brasileira, que só não pode ser provada devido à nefasta destruição da memória documental após a abolição dos escravos em 1888.

Em 2010, realizou-se o Encontro Pró-Capoeira (Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira), em Recife, Rio de Janeiro e Brasília, reunindo mestres, professores, pesquisadores e outros para ouvir os capoeiristas e possibilitar o repasse dos saberes, desejos e frustrações, salvaguardando os aspectos patrimoniais da capoeira: arte, expressão, instrumentos, etc.

Valorizando e promovendo a cultura e o saber dos mestres de capoeira dentro do espaço escolar, levaremos as crianças e jovens ao mundo mágico dessa arte, entendida como uma prática que implementa principalmente o respeito para si próprio e para o mundo que o rodeia.

“No jogo/luta/dança o corpo capoeira que se torna um só corpo com o berimbau, já traz na cabaça parte de sua essência africana”
(RODRIGUES FILHO; BRAGA, 2008).

Que grandes mestres como Bimba, Pastinha, Canjiquinha, Sinhozinho, Serpente, Corró, Kinkas, Curió, Zico, Canelão, Churrasco, Cavalieri, Crispim, Valdeci, Kinkas, Spock, Sergipe, Baiano e outros, além de formados, monitores, instrutores, contramestres e outros que fazem da capoeira a sua vida e a sua arte, possam ter suas histórias e saberes respeitados e preservados para não se somarem a outros tantos sujeitos ocultos que ajudaram na construção de nossa memória histórica.

Mestre Sinhozinho, na letra da música “Ser Mestre” ilustra um pouco do que o mestre representa para o capoeirista:

Ser Mestre de Capoeira
É bonito de dizer
Bater no peito e gritar alto oiaia
E dizer quem é você.
Ser Mestre de Capoeira
Não basta só querer
É preciso ser humilde
Quando quiser crescer
É ter sempre na memória
Lembranças da escravidão
Cicatrizes do açoite
Eeeee, do negro escravo nosso irmão
(...)

Quando o ser humano tem consciência do lugar que ocupa no espaço, melhor é o seu relacionamento com o grupo social a que pertence, tem maior clareza de suas relações com as demais pessoas e condições de se situar historicamente.

O Brasil é resultado de muitas culturas e civilizações provenientes de vários continentes. Desse encontro, resultaram diversas contribuições étnicas que influenciaram a construção de nossa cultura e de nossa identidade (SILVA, 2008).

Mestre Pastinha faz referências aos capoeiristas em seu livro “Capoeira Angola”:

É muito raro sair acidentado algum capoeirista em conseqüência da prática da capoeira em demonstrações esportivas, porém, tratando-se de enfrentar um inimigo, a capoeira não é dotada somente de grande poder agressivo, mas possui uma qualidade que a torna mais perigosa - é extremamente "maliciosa". O capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário: Finge que se retira e volta rapidamente; deita-se e levanta-se; avança e recua; finge que não está vendo o adversário para atraí-lo; gira para todos os lados e se contorce numa "ginga" maliciosa e desconcertante.

Não tem pressa em aplicar o golpe, ele será desferido quando as probabilidades de falhar sejam as mínimas possíveis. O capoeirista sabe aproveitar de tudo o que o ambiente lhe pode proporcionar.

Assim como toda manifestação cultural, a capoeira pode ser entendida como uma prática viva e que adquire significados e características próprias de acordo com a dinâmica cultural do momento e do lugar em que seja desenvolvida, num jogo de trocas permanentes, onde seus cânticos e ladainhas nos remetem ao passado de nossos ancestrais.

Podemos concluir que a capoeira é muito mais do que ginga, malícia, jogo ou esporte. Ela faz parte de nossa cultura e de nossa memória. Os versos de seus cantos,

ladainhas, suas poesias, registra a presença do negro em nossa história e de sua importância na construção de nosso conhecimento. Saibamos valorizá-la, respeitando seus mestres e seus saberes, levando-os para socializar seus conhecimentos nas escolas e registrar suas memórias, antes que eles se tornem mais um dos muitos sujeitos ocultos de nossa história.

Essa postura supõe, por parte dos educadores, novas relações da escola com a comunidade: amplo conhecimento dos bens culturais existentes, clareza quanto à capacidade de sua utilização (como ponto de partida e não como simples ilustração), estabelecimento de redes explicativas/contexto histórico-social em que está inserida (cf. MANIQUE; PROENÇA, 1994).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUTRA, M.B. **Curso de Capoeira Escolar**. Apostila complementar. Joinville, 1996.

FIGUEIREDO, L. **Raízes africanas**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

MANIQUE, A. P.; PROENÇA, M.C.; **Didática da História**. Lisboa: Texto Editora, 1994.

MATTOS, A.O. **A proteção multifacetada**: as ações da Guarda Negra da Redemptora no ocaso do Império (Rio de Janeiro 1888-1889) (Dissertação de Pós Graduação em história). Brasília: UNB, 2006.

PASTINHA, V. F. **Capoeira Angola**. 3ª ed. Salvador; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.

PINSKI, J. **A Escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIRES, A. L.C.S. **A capoeira no jogo das cores**: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890 – 1937) (Dissertação de Mestrado em história). Campinas: UNICAMP, 1996.

Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3, nº30, março de 2008.

RODRIGUES FILHO, G; BRAGA, P.P. de F. **O Movimento Capoeira: dos boletins de ocorrência do séc. XIX ao doutorado do Mestre João Pequeno no séc. XXI**. In: Educação, História e Cultura da África e Afro-Brasileira: teorias e experiências. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2008.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

SANTOS, E. **Jogo, Dança ou Luta: O que é a Capoeira?** In: Find! Diário dos Campos. Novembro de 2010.

SILVA, A. M. **História e cultura afro-brasileira e indígena.** Curitiba: Ed. Gráfica Expoente, 2008.

SOARES, C.E.L. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890** (Dissertação de Mestrado em História) Campinas: UNICAMP, 1993.

ULLER, A.S; CARBONAR, M.A; ULLER, W. **Preservação do Patrimônio Local: Uma Questão Para a Educação Mundial? Retratando nossa Realidade em Ponta Grossa.** Apucarana: Gráfica Diocesana, 2001.

Urbe, o Jornal da Manhã em Revista. **Cidadão Ponta-grossense.** Dezembro de 2009.